

À conversa com ... Madureira Correia

GD: De que gosta muito?

MC: Da frontalidade associada à sinceridade.

GD: O que detesta ou o irrita muito?

MC: A hipocrisia.

GD: Vê o avançar da idade como um passo a mais ou um passo a menos?

MC: Claramente como um passo a mais, se considerarmos que a idade avançada é uma bênção da vida. Porém, o avançar da idade é sempre um passo a menos quando a não sabemos viver.

GD: Em pequeno era uma criança difícil?

MC: Nem por isso. Nasci e cresci numa aldeia pequena, no seio de uma família modesta, onde tive uma educação que se poderia dizer assente na maior liberdade com a maior responsabilidade. Talvez por isso, mormente porque a liberdade de acção *motu proprio* era na altura muito limitada – ou balizada, se achar melhor –, mas por outro

lado muito apreciada em família e na sociedade, tenha contribuído para tornar fácil o estado de criança que vivi.

Ainda estamos no início, e vem aqui já uma difícil

GD: Se uma imagem vale mais que mil palavras, quanto vale o silêncio de um abraço sentido?

MC: Vale mais do que muitas conversas. Também o encaro como o manifesto de um sentimento de cumplicidade.

GD: Ainda se lembra do dia em que entrou para o Banco?

MC: Sim, já foi há algum tempo (riso), mas claro que sim. É uma data marcante. Foi em Julho de 1981, e recordo-me bem do nervoso miudinho que carregava, pois acusava o peso da responsabilidade de uma actividade muito sigilosa e de trabalhar com o dinheiro dos outros.

GD: Quando é que percebeu que depois da vida activa de bancário iria encontrar muito prazer com a actividade de criador de ovinos?

MC: Ó Rui, com franqueza, só mesmo no seguimento e depois do terminar da actividade profissional. Tudo começa quando, há cerca de 14 anos, optei por viver numa pequena quinta junto à cidade de Évora, numa perspectiva de associar a vida em cidade com a vida no campo, e eis que entraram para a família alguns galináceos e umas cabrinhas anãs.

Conclui pouco tempo depois que as cabrinhas (por algum motivo assim foram baptizadas) tinham de ser substituídas, pois o corta-relva e a corta-ervas de que eu precisava assentava bem melhor num pequeno grupo (não rebanho) de ovelhas.

Mais tarde, com a passagem à situação de reforma e uma natural inserção no meio que de algum modo já possuía, dá-se o clique. Resolvi refinar a qualidade, como é hábito dizer-se, e adquiri um lote de animais da raça Suffolk e um outro lote da raça Île de France, tornando-me assim criador ao seleccionar estas duas raças em regime de linhas puras e certificadas pelos respectivos livros genealógicos.

Como parar é morrer, estou a estudar genética e a dar os primeiros passos nesse trabalho.

GD: Quem é o seu ídolo?

MC: Não tenho, sinceramente. Se guardo alguma idolatria é pelos meus pais, pois ambos me marcaram muito, cada um pelos seus motivos.

GD: A sorte somos nós que a fazemos?

MC: Sem dúvida que sim. Dá é muito trabalho, tem de ser procurada e com forte capacidade de resiliência para com as adversidades que sempre surgem.

GD: Desde a década de 50 que a Suffolk é considerada uma das melhores raças para cruzamento industrial. Essa

foi a principal razão por que foi eleita para ser das suas eleitas?

MC: Sim e não, ou seja: foi uma das variáveis que pesaram na decisão, mas não foi determinante. Diria sobretudo que contou o facto de ser uma raça pouco conhecida em Portugal e que, a par das restantes características, poderá potenciar a realização de um trabalho com vertentes diferentes no resultado. São animais de muita beleza, muito dóceis e muito cárnicos, que servem várias particularidades das preferências do mercado, podendo ser criados novos nichos com muito interesse.

GD: Quem é que decidiu que em Santa Justa tinha de haver um Rolls Roice?

MC: Decorre da utilização anual de uma letra para baptizo dos animais nascidos, em associação com o desenvolvimento deste bichinho do trabalho em genética que foi já referido, e espera-se que seja apenas um de muitos “carros” com prestígio da marca que se afirma como Santa Justa Suffolk.

Não se esconde que há uma tendência para atribuir nomes impactantes aos animais que se supõe poderem vir a reunir muito boas qualidades globais, já que não há animais perfeitos.

GD: O que é que gostava que durasse sempre?

MC: A lealdade na comunicação.

GD: E o que é um dia perfeito?

MC: Aqueles dias em que desejamos que nunca mais terminassem.

GD: Quando tinha um problema sério para resolver, com um cliente ou com um colaborador, qual era o período do dia que lhe oferecia as melhores decisões? Imediatamente antes de dormir ou logo depois de acordar?

MC: Por princípio não gostava de adiar as situações, mas é verdade que alguns casos, pela sua natureza ou complexidade, me propunham uma conversa com a almofada e abordá-los então no dia seguinte.

GD: Na vida qual é mesmo a regra do jogo?

MC: Bom, como regra não jogo e não sinto qualquer apetência para isso, mas, no jogo da vida, deveria pontificar sempre a verticalidade quando se diz o sim ou se diz o não.

GD: É homem para verter duas lágrimas ao ver um filme que o emocione?

MC: Claro que sim. Esse aforismo de que os “homens nunca choram” é apenas um mito.

GD: Qual a sua opinião sobre este tipo de conversas, ou sobre esta rubrica do Grupo Desportivo?

MC: Vejo com apreciação positiva. É uma forma do conhecimento entre nós ir além da parte profissional, como

permite partilhar que também há vida fora da profissão com interesse e que pode ser aproveitada.

GD: Todos sabemos que Inglaterra tem um clima algo frio – chove muito e faz pouco sol; ou seja, nada parecido com Portugal. Atendendo a que Suffolk é uma raça de ovelhas oriundas do sul do Reino Unido, como é que se explica que se dê tão bem em Portugal e até no Alentejo?

MC: Sendo uma raça exótica, os animais importados devem merecer alguma atenção, conforme a estação do ano em que chegam ao nosso país e até quanto à região para onde são dirigidos... Diria também que em função da utilização a dar-lhes, por forma a fazerem o seu caminho de adaptação. Os animais nascidos em Portugal estão perfeitamente adaptados.

GD: Quais são as principais razões por que a Associação Portuguesa de criadores de ovinos da raça Suffolk decidiu que era importante o lançamento de uma revista?

MC: Dinamizar um espaço que seja notícia, informação, formação e intercâmbio entre sócios e criadores, por forma a promover e prestigiar o crescimento da raça Suffolk.

GD: Onde é que gostava de estar daqui a 10 anos?

MC: Em Santa Justa Suffolk.

GD: Salta da cama, ou é mais de fazer um bocadinho de ronha?

MC: Sempre saí da cama com facilidade. Se pudesse não dormia 😊. Dormir é uma necessidade mas um desperdício por tempo subaproveitado.

GD: Acorda bem-disposto, ou só depois das 10.00h?

MC: Bem-disposto, mas reconheço que o meu dia vai sempre em crescendo, ou seja, a parte da manhã é de menor rendibilidade que o resto do dia.

GD: Se lhe derem uma caixa de limões o que faz: limonada ou caipirinha?

MC: Limonada.

GD: Todos sabemos que no Alentejo se come muito bem. Quer partilhar connosco o nome de um restaurante onde se defenda com mestria a comida típica?

MC: É de facto assim, mas seria injusto da minha parte fazer uma diferenciação, dado existirem vários restaurantes que são do meu gosto e agrado, dependendo a preferência desses mesmos pratos típicos que confeccionam.

GD: Se o euromilhões lhe “oferecesse” 100 milhões de euros, o que fazia?

MC: Não vai oferecer porque eu não jogo.

GD: Por falar em ofertas, o que é que a idade nos oferece?

MC: O avançar da idade é um caminho interessante com itinerário à escolha e que nos vai fazendo ver que o futuro se não for agora já passou.

GD: E o que é que ela nos tira?

MC: Não a vontade, mas a capacidade para mover montanhas.

GD: Olhando para trás, qual a sua maior conquista?

MC: A estima e a amizade da maioria das pessoas com as quais me tenho relacionado e que têm sabido perdoar as minhas falhas.

GD: É mais de olhar para a árvore ou para a floresta?

MC: Depende das circunstâncias, porque alguma dose de individualismo não se despreza para alimento do “eu”, que é importante para continuarmos com objectivos na vida, mas é óbvio que o olhar sobre a floresta é fundamental, enriquecedor e um complemento que muito considero.

GD: Acredita no destino ou apenas na capacidade de mudar?

MC: Não acredito em mudanças. Acho que as pessoas não mudam, só ajustam comportamentos. E por vezes confundo-me, porque, se por um lado parecem existir os predestinados com lugar guardado para qualquer coisa, não tenho grandes dúvidas de que as nossas capacidades e determinação é que fazem acontecer.

GD: Tem saudades de quê?

MC: Dos dias que passaram como se fossem minutos.

GD: O que queria ser quando era menino?

MC: Engraçado, nessa altura e mesmo ainda muito pequeno o que adorava mesmo era poder vir a integrar um grupo de forcados.

GD: O que quer ser quando for velhinho?

MC: Ainda não pensei, os objectivos que traço são por norma de curto prazo.

GD: É hoje quem queria ser?

MC: O que sinto que sou: marido, pai, avô e amigo íntegro.

GD: Em criança, um dos desejos mais idiotas que nos ocorre é o de querermos que rapidamente chegue a idade que permita sermos tratados como adultos. Este também fez parte dos seus?

MC: Sim, claro. Lembro-me de ter aquela sensação de que o tempo nunca mais passava para que pudesse vir a “ser grande”.

GD: Aos 63 anos, o que é que se sabe que não se sabe?

MC: Sabe-se que a repartição da sabedoria é como o infinito; logo, sabe-se que se sabe muito pouco.

GD: Por falar em saber, quem sabe os seus segredos?

MC: Ninguém, reservado sempre.

GD: Quem é o seu maior fã?

MC: Admito que os meus filhos possam ter esse tipo de apreciação e de atenção para comigo.

GD: Fale-me de alguns pequenos prazeres.

MC: Gosto de viajar, adoro caçar e fazer esqui. Sendo uma conversa também de âmbito profissional, refiro que a prática do esqui era a única actividade onde relaxava de facto e onde não me lembrava do Banco.

GD: Por que razão os animais da raça Suffolk se apresentam aos concursos com a lã num tom amarelodourado?

MC: É um hábito muito *british* de que se fez *copy-paste* em Portugal e que, além de conferir maior beleza ao animal, vai premiar o criador nos critérios de apresentação.

GD: Tem ideia de um bom conselho que alguém lhe tenha dado?

MC: Sim, o meu pai. Quando no serviço militar fui promovido ao posto de alferes, disse-me para não deixar que os galões passassem dos ombros para cima. Procurei sempre respeitá-lo.

GD: Considera que é uma pessoa feliz?

MC: Sim, claramente.

GD: De que precisaria para se sentir ainda mais feliz?

MC: Apenas necessito de que a vida me continue a acompanhar com o sorriso que sempre me tem disponibilizado.

GD: O que é que este período de confinamento lhe ofereceu?

MC: No princípio achei piada a alguma pacatez e tranquilidade que daí decorreram, mas terei de confessar que o confinamento não teve grande impacto no meu diário de rotinas. No entanto, e como será normal, ainda não recuperei o ritmo.

GD: Já percebemos que é um homem de desafios. Qual é o próximo?

MC: Vou mantê-lo em segredo, mas haverá de ser algo relacionado com o crescimento e a notoriedade da raça de ovinos Suffolk em Portugal.

GD: Um dos grandes prazeres da leitura é que uma viagem literária consegue levar-nos a todo o lado, sem que saíamos do mesmo lugar. Qual é a sua viagem de sonho?

MC: Encontrar o livro da ilusão e que a transforme em realidade.

Curtas e Rápidas

GD: Teatro ou cinema?

MC: Gosto dos dois.

GD: Prosa ou verso?

MC: Verso

GD: Île de France ou Suffolk?

MC: Suffolk.

GD: Primavera ou Verão?

MC: Verão

GD: Beijo ou abraço?

MC: Abraço

GD: *Jazz* ou *rock*?

MC: *Jazz*

GD: Chambão ou chanfana?

MC: Não aprecio.

GD: 25 de Abril?

MC: Liberdade excessiva em alguns conceitos.

GD: Séries ou filmes?

MC: Filmes

GD: *Croissants* ou pão alentejano?

MC: Pão alentejano, claro

GD: Mar ou montanha?

MC: Montanha, caça e esqui.

GD: Almoço ou jantar?

MC: Os dois

GD: Almirante Gouveia e Melo?

MC: Autoridade e disciplina.

GD: Grupo Desportivo BPI?

MC: Pessoas que trabalham em prol do bem comum, tarefa a que nem todos estão dispostos.